



Vimos em nosso último encontro o Criador deus ao homem o Mandato Cultural e que por isso o ser humano é como um “subcriador” nas palavras de Tolkien.¹ O Mandato Cultural do Criador para o homem Richard Mouw se expressa no fato de que “Deus comissionou os nossos primeiros pais a ‘transformar a natureza indomada num ambiente social’ mediante uma formação cultural que se coaduna com o projeto dele”.² Plantinga nos lembra que “a boa criação de Deus inclui não somente a Terra e suas criaturas, mas também uma gama de dons culturais, tais como o casamento, a família, as artes, a linguagem, o comércio e (até num mundo ideal) o governo”.³

Vamos destacar hoje uma forma particular e específica de produção cultural: as artes. Por artes quero significar, ecoando Rookmaaker, expressões culturais de beleza, expressão, crítica e profundidade nas mais diversas formas – música, pintura, escultura, literatura, artes cênicas e muitas outras expressões tanto antigas quanto atuais, incluindo o cinema.

Em uma cosmovisão cristã as artes e a produção artística são vistas como um impulso básico resultante da expressão da imagem do Criador na criatura, tornando-a um subcriador. Por possuir a imagem de Deus, o homem é um ser criativo e inventivo, capaz de compreender a realidade e retratá-la de tal maneira a expressar sua leitura subjetiva da mesma por meio de sua arte. A capacidade de produzir músicas, escrever poemas, compor narrativas e gravar filmes é um reflexo da imagem do Criador em sua criatura, que como o Criador é capaz de olhar a realidade e compreendê-la, por que é um ser pessoal é capaz de ter discernimento subjetivo sobre aquilo que o rodeia e expressar essa compreensão por meio de sua arte.

Assim, os artistas são “conhecedores dos segredos internos da realidade” que conforme afirmou Rookmaaker,⁴ pois de alguma maneira tem uma sensibilidade especial que lhes dá uma perspectiva da realidade de modo a conseguir capturá-la e expressá-la por meio de sua arte. Por um lado, o artista traz luz sobre questões importantes e desperta reflexões que conduzem seu interlocutor a beleza, verdade e justiça. Rookmaaker afirma que o artista é o “sumo sacerdote da cultura”, pois de alguma maneira media a realidade e a compreensão das pessoas por meio de sua arte.⁵

Como a arte é uma expressão do próprio artista, é importante novamente trazer a memória as doutrinas da depravação total e da graça comum. Por um lado, a maneira como o homem faz arte não está isenta do fato de que o ser humano ao rebelar-se contra seu Criador mergulhou a si mesmo em um estado de corrupção. Ou seja, nós reformados cremos que a bondade, justiça e santidade originais do homem foram corrompidas e distorcidas de tal maneira que o homem todo e todas as suas capacidades estão atoladas no pecado.

A produção cultural não está fora disso, ou seja: seremos humanos pecadores forjam e propagam cultura de maneira a forjar e propagar conceitos equivocados sobre Deus, sobre o próprio homem e a vida. Neste sentido a produção cultural reflete a queda, como afirma Cornelius Plantinga: “Numa cultura racista, o racismo parecerá normal. Numa cultura secular, a indiferença para com Deus parecerá normal, como acontece na maior parte da instrução secular. O caráter humano forma a cultura, mas a cultura também forma o caráter humano”.⁶

Como expressão cultural, a arte também expressa a rebeldia humana e nosso estado de distanciamento do Criador. Como um exemplo, Philip Yancey, na introdução de “Mais que palavras”, afirma que os escritores atuais ao invés de utilizarem a literatura como um meio de conduzir seus leitores a reflexões profundas sobre a vida e as questões da existência procuram, ao invés disso, usar a literatura como forma de fugir da realidade, distorcendo a própria realidade.⁷ Ao invés de sua produção literária servir como ponte para que o leitor alcance uma compreensão mais profunda da vida, o texto produzido funciona como uma via de escape que nega e torce a realidade.

Logo, ao assistirmos um filme ou lermos um livro, devemos sempre ter em mente que precisamos interagir com a arte por meio de uma cosmovisão cristã, sempre avaliando ativamente os lugares nos quais a cultura se desencontra das verdades expressas nas Sagradas Escrituras. Percebemos que a música pode ser utilizada como veículo para a lascívia e pretexto para a banalização do amor romântico ou para expressar a idolatria do amor romântico. Percebemos

¹ TOLKIEN, John Ronald Reuel. *Sobre histórias de fadas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010, p. 44.

² PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.45

³ PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.45

⁴ ROOKMAAKER, Hendrik Roelof. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa: Editora Ultimato, 2010, p.9

⁵ ROOKMAAKER, Hendrik Roelof. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa: Editora Ultimato, 2010, p.9

⁶ PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.68

⁷ *Muito mais que palavras* (Philip Yancey- Compilação e Introdução/ James Calvin Schaap - Organização). São Paulo: Vida, 2005, p.13,14

como os filmes propõem leituras niilistas, pessimistas e fatalistas como “Magnólia” ou “Onde os fracos não tem vez” expressam seus pontos de vista a partir de uma cosmovisão naturalista e niilista. Percebemos como obras clássicas e produções artísticas de todas áreas exprimem o estado de separação e indiferença ao Criador.

Francis Schaeffer foi um dos primeiros a relacionar a fé cristã com a produção cultural artística, dialogando com filmes de Felline e Bergman e letras do Led Zeppelin a partir de uma cosmovisão cristã.⁸ Como cristãos, somos conclamados a olhar para a produção artística por meio de nossa cosmovisão cristã, de maneira a compreender e dialogar com a cultura na qual estamos inseridos.

Contudo, a doutrina da graça comum nos leva a perceber que o ser humano ainda exhibe aqui e ali lampejos do Criador. Plantinga consegue expressar essa realidade de maneira muito clara em uma bela passagem: “Toda verdade é verdade de Deus”, disse o filósofo Arthur Holmes, seguindo o ensinamento de Agostinho, e o mesmo pode ser dito com relação a justiça e a beleza”.⁹ Isso significa dizer que por meio da arte artistas não cristãos exprimem muitas vezes verdades divinas, beleza e profundidade que humanizam, consolam e edificam. O próprio Calvino, em uma seção na qual faz afirmações sobre a revelação geral, afirmou “de fato, alguém que tenha bebido ou mesmo provado as artes liberais penetram com a sua ajuda mais profundamente nos segredos da sabedoria divina”.¹⁰ Calvino, que trabalhou com enorme lucidez o tema da graça comum, era capaz de perceber por meio de suas leituras humanistas que havia um brilho da verdade do Eterno aqui e acolá nestes autores, mesmo não sendo cristãos. Nesta mesma passagem Calvino refere-se ao Criador como “Artífice”, ou seja, Deus é primeiro e maior artista de todos.

Ou seja, a postura do cristão com relação a arte produzida por não cristãos não é – e não pode ser devido a nossa própria forma de entender a realidade – de rejeição sumária, mas de análise e investigação a partir das Escrituras. Após se referir aos autores que utilizam seus textos como escape da verdade, Yancey afirma que há uma “arte que persiste”, ou seja, que há autores que continuam exercendo seu papel de levar o leitor a debater-se com as questões mais centrais e essenciais da vida.¹¹

É fato que alguns apontam atualmente para uma grave crise nas artes, como o próprio Hans Rookmaaker, que dedicou sua vida e sua obra a estabelecer profundas conexões entre a arte e a fé cristã. Em seu clássico “A arte não precisa de justificativa”, afirma: “A maior parte dos ativistas, críticos e artistas que tentaram renovar as artes e dar ao nosso mundo uma face mais bela argumentaram de uma forma ou de outra que não era suficiente para enfrentar os problemas da arte. Eles compreendiam de forma mais ou menos clara, que a crise nas artes era a expressão de uma crise mais profunda, de natureza espiritual e que afeta todos os aspectos da sociedade, incluindo a economia, a tecnologia e a moralidade”.¹²

Rookmaaker talvez mais do todos enfatizou o papel da arte como uma expressão divina: “A arte tem seu próprio significado. Uma obra de arte pode ser posta em uma galeria e admirada. Escutamos uma música simplesmente por apreciação. Um tipo de apreciação que não é meramente hedonista; vai muito além disso, apesar de, em alguns casos, nos dar grande prazer [...]. Já que a arte não precisa de justificativa, ninguém precisa se desculpar por fazer arte. Os artistas não necessitam de justificativa, da mesma forma que os açougueiros, os jardineiros, os motoristas de táxi, os policiais ou as enfermeiras não precisam justificar com argumentos sagazes o porquê de estarem fazendo o seu trabalho. E eles certamente não o fazem como forma de conseguir uma oportunidade para pregar ou testemunhar. Encanadores que fazem grandes discursos evangelísticos, mas deixam a torneira vazando, não estão cumprindo o seu papel. São maus encanadores. Fica claro que eles não amam ao próximo. O significado do trabalho está no amor a Deus e ao próximo”.¹³

Neste sentido Rookmaaker tentou lembrar sua geração de cristãos que a arte também é uma vocação, que muitos cristãos receberam dons e vocações para expressarem verdades poderosas por meio da arte. Logo, é dever dos cristãos tanto dialogarem com a produção artística de seu tempo por meio da fé cristã quanto produzirem arte que edifique, console e embeleze. Carl F. H. Henry “conclamou protestantes que crêem nas Escrituras a voltar para as grandes instituições que produzem cultura e se engajarem como cristãos ‘a partir de uma cosmovisão cristã’ na arena pública da academia, lei e arte”.¹⁴ O filósofo suíço Alain de Botton demonstra como a arte tem o poder de humanizar e edificar: “As obras de arte – romances, poesias, peças, pinturas ou filmes – podem funcionar como veículos nos explicar a nossa condição. Podem agir como guias para uma compreensão mais verdadeira, mais judiciosa e mais inteligente do mundo”.¹⁵ É bom lembrar que em última instância, toda arte aponta para o Artífice: “Leonard Bernstein disse que ouvir a Quinta Sinfonia de Beethoven sempre lhe dava a certeza (apesar de seu agnosticismo intelectual) de que Deus existia”.¹⁶

⁸ KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.186

⁹ PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.114

¹⁰ CALVIN, JOHN ; *Institutes of the Christian Religion* & 2, *The Library of Christian Classics*. vol. 1. Louisville, KY : Westminster John Knox Press, 2011

¹¹ *Muito mais que palavras* (Philip Yancey- Compilação e Introdução/ James Calvin Schaap - Organização). São Paulo: Vida, 2005, p.13 p.13,14

¹² ROOKMAAKER, Hendrik Roelof. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa: Editora Ultimato, 2010, p. 21

¹³ ROOKMAAKER, Hendrik Roelof. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa: Editora Ultimato, 2010, p.47,48

¹⁴ KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.186

¹⁵ BOTTON, Alain. *Desejo de status*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p.126

¹⁶ KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.258